

# X ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

## CRIATIVIDADE DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: AUTOPERCEPÇÃO E AVALIAÇÃO NO TESTE DE TORRANCE

Rebeca Sales Viana<sup>1</sup> Levi Sales Viana Soares<sup>2</sup> Levi Leonido Fernandes da Silva<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)/ Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) <sup>2</sup>Escola de Formação em Saúde da Família Visconde de Sabóia (EFSFVS) <sup>3</sup>Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD)

### RESUMO

O trabalho objetiva descrever a autopercepção de criatividade de um grupo de estudantes da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e o resultado da aplicação do Teste de Criatividade de Torrance (Pensando Criativamente com Figuras). Estas avaliações integram a pesquisa “O ser criativo no ensino superior”. Trata-se de estudo qualitativo do tipo pesquisa-ação. Foram usados como instrumentos um formulário e o referido Teste de Criatividade, aplicados antes e após a ação, que se constituiu em uma Oficina. Os participantes foram 12 bolsistas do Programa de Iniciação Científica e Desenvolvimento Tecnológico. Os principais resultados foram: os estudantes se autoavaliaram como pouco criativos; 2 participantes apresentaram resultados acima da média no Teste de Torrance; houve uma evolução significativa do grupo comparando-se a primeira e a segunda avaliação, tanto no Teste quanto na percepção da sua criatividade. Como considerações finais aponta-se que: a Oficina agregou elementos propícios à expressão da criatividade dos estudantes, especificamente na ampliação da visão de si mesmo como ser criativo; fazem-se necessários estudos mais aprofundados sobre a essa temática, bem como o investimento em estratégias interdisciplinares que contribuam para o desenvolvimento do potencial criativo dos acadêmicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Criatividade; estudantes universitários; avaliação

### INTRODUÇÃO

Este Resumo apresenta uma síntese do resultado parcial da “Oficina de viver: desenvolvimento do potencial criativo”. As Oficinas fazem parte da pesquisa “O ser criativo no ensino superior”, que objetiva analisar e promover a criatividade em estudantes da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) em Sobral, Ceará. Este estudo constitui-se em Tese de Doutorado em Ciências da Educação na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD).

<sup>1</sup>Professora do Curso de Enfermagem, Aluna do curso de Doutorado em Ciências da Educação, rebecasalesviana@gmail.com

<sup>2</sup>Psicólogo, Aluno do Curso de Residência em Saúde Mental, levisvsoares@hotmail.com

<sup>3</sup>Professor *PhD* do Curso de Doutorado em Ciências da Educação, levileon@utad.pt

Apesar de ser um vocábulo usual no cotidiano, a criatividade, por compreender múltiplas e complexas dimensões é dificilmente definida. Pode-se afirmar, de modo geral, que a criatividade envolve capacidades que superam ideias já existentes produzindo algo novo ou atribuindo novos significados a questões antigas, sendo influenciada pela cultura e pelos diferentes contextos em que se vive. Esse tema vem sendo investigado através de diferentes perspectivas e abordagens.

Referindo-se particularmente ao contexto educacional, a criatividade encontra-se no âmago dos processos que conduzem à atitude inovadora e crítica face ao conhecimento que constituem objetivos fundamentais do ensino superior (BAHIA, 2008). As Instituições de Ensino Superior (IES), portanto, deveriam configurar-se em ambientes de incentivo à criatividade.

Alencar (2007) aponta algumas razões para a importância atribuída ao desenvolvimento da criatividade na educação: o reconhecimento da criatividade como elemento do bem-estar e saúde mental do indivíduo; a crença que a limitação da criatividade diminui a realização plena do ser e a expressão de talentos; os processos de rápidas mudanças em curso na sociedade atual exigem respostas criativas às diversas situações que se colocam. Gardner (2007) destaca que, na sociedade global e conectada, a criatividade é buscada, cultivada e valorizada.

Em contraponto, vários autores ressaltam que as Instituições de Ensino em geral, não estão habilitadas para desenvolver o pensamento criativo. Apesar do reconhecimento da importância da criatividade para o desenvolvimento pessoal e social, a prática educativa quotidiana pouco ou nada incentiva a mesma. O que prepondera ainda muitas vezes é uma educação que privilegia a memorização e reprodução de conhecimentos (WECHESLER, NAKANO, 2011).

Este resumo apresenta a investigação de duas questões em particular: Estudantes universitários são criativos? Como os estudantes avaliam sua própria criatividade? Os objetivos são: descrever a autopercepção de criatividade de um grupo de bolsistas de Iniciação Científica; descrever o resultado da aplicação do Teste de Torrance Pensando Criativamente com Figuras, como um dos itens avaliativos de uma Oficina de desenvolvimento do potencial criativo.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Este estudo utiliza uma abordagem qualitativa, do tipo pesquisa-ação.

A designação qualitativa é um termo genérico para designar pesquisas, que, usando ou não, quantificações, pretendem interpretar o sentido de um evento a partir do significado que as pessoas atribuem ao que falam e fazem. A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa ativa, realizada em estreita associação com uma ação ou resolução de problema coletivo, permitindo que o pesquisador desempenhe um papel ativo na realidade dos fatos observados. (THIOLLENT, 2004). Nesta pesquisa usou-se como estratégia a realização de Oficinas denominadas “Oficinas de viver: desenvolvimento do potencial criativo”.

Os participantes foram estudantes da UVA, selecionados em amostra de conveniência. Este resumo refere-se especificamente a primeira Oficina (Oficina G1), realizada em julho de 2015, com 12 bolsistas do Programa de Iniciação e Científica e Desenvolvimento Tecnológico. Os critérios de inclusão na amostra foram: está inserido no referido programa e aceitar o convite para participação na Oficina mediante inscrição. A escolha deste público retrata o interesse de investigar acadêmicos envolvidos com a pesquisa científica, que presumidamente tem oportunidades de desenvolver seu potencial criativo.

As Oficinas envolveram exercícios e práticas individuais e grupais. Estruturalmente foram organizadas em três módulos interdependentes, totalizando 40 horas.

Entre as avaliações realizadas durante a Oficina G1, este Resumo apresenta duas referentes à criatividade dos estudantes: autopercepção e mensuração através de Teste. Utilizaram-se dois instrumentos: formulário com uma pergunta aberta (Como você se autoavalia em relação à criatividade?) e o Teste de Torrance Pensando Criativamente com Figuras-Versão Brasileira (WECHSLER, 2002).

O Teste Pensando Criativamente com Figuras é composto por três atividades. A primeira apresenta uma forma curva como estímulo; a segunda possui rabiscos de diversos tipos, para serem completados (10 estímulos) e a terceira tem uma série de linhas paralelas como proposta inicial para desenhos (30 estímulos). O Teste é avaliado por características cognitivas e emocionais apresentadas nos desenhos e nos seus títulos (fluência, flexibilidade, originalidade, elaboração, expressão de emoções, fantasia, combinação, movimento, perspectiva incomum, perspectiva interna, contextos e títulos expressivos).

A escolha deste instrumento, ainda que o mesmo possua limitações, foi devido a ser a medida de criatividade mais utilizada e mais estudada em todo o mundo, apresentando os estudos de validação mais consistentes. Os testes figurativos exigem um esforço deliberado para descobrir uma solução criativa para um problema e para estruturar o que está incompleto. (BAHIA; NOGUEIRA, 2005).

As avaliações descritas foram aplicadas duas vezes: no início e ao fim da Oficina G1, a fim de verificar o desenvolvimento dos participantes.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os estudantes deste estudo são bolsistas do Programa de Iniciação Científica e Desenvolvimento Tecnológico, oriundos de diferentes cursos (Biologia, Enfermagem, Engenharia Civil, Geografia, Química, Zootecnia). Entre os 12 participantes 6 são do sexo masculino e 6 do sexo feminino. As idades variaram entre 19 e 27 anos, e os semestres cursados do 3º ao 10º período.

Em relação à autopercepção 10 estudantes se avaliaram negativamente em relação à criatividade no primeiro momento. As frases “Não sou criativo” e “Sou pouco criativo” preponderaram nas respostas. Dois participantes deram respostas pouco conclusivas: “Não sei se sou criativo, infantil, entusiasmado ou louco...” (E9); “Sou interpretativa, simples, rústica...” (E1). Alguns fatores determinantes nessa percepção foram apontados pelos estudantes: a timidez, o medo de errar, a insegurança, a acomodação.

Alencar (2009) destaca que as barreiras à criatividade são construídas no decorrer da vida do indivíduo. Dentre as barreiras emocionais salientam-se a apatia, a insegurança, o medo de parecer ridículo, o medo do fracasso, os sentimentos de inferioridade e um autoconceito negativo. Aliadas a esses fatores, as barreiras culturais, tais como as pressões sociais ao indivíduo que diverge da norma e a necessidade de ser aceito, também atuam como forças inibidoras a um pensamento mais flexível e inovador.

No segundo momento, ao final da Oficina G1, os estudantes melhoraram sua avaliação em relação a sua criatividade. Algumas frases reforçam o sentido de evolução e necessidade de continuar desenvolvendo seu potencial criativo: “Ainda sou pouco criativo, mas estou mais motivado.” (E3); “Me sinto redescoberta... valorizo mais minhas opiniões e imaginação... preciso melhorar ainda mais.” (E4); “Acho que posso ser criativo sim, apesar de às vezes me bloquear” (E7); “Sou criativa, apesar de não saber me expressar direito. Estou aprendendo a cada dia a deixar minha criatividade, mais evidente, mais espontânea e feliz” (E10).

Nakano (2011) destaca que inúmeros pesquisadores têm criado e aplicado programas de treinamento criativo, visualizados como um conjunto de métodos, técnicas, exercícios e estratégias, baseados na crença de que a criatividade representa um conjunto de aptidões que podem ser desenvolvidas. Apesar dos problemas, dificuldades e limitações, as iniciativas de promoção da criatividade, revelaram ser uma estratégia pedagógica capaz de oferecer ao aluno mais oportunidades de desenvolvimento do seu potencial.

Em relação aos Testes de Torrance, com base na média da população geral, definida como 100, apenas 2 participantes mantiveram-se acima deste valor. Contudo, observou-se uma evolução considerável, tendo-se em vista que a média dos estudantes elevou-se de 81,5 na primeira testagem para 92,5 na segunda, após a realização da oficina.

Foi possível também, a partir da análise dos Testes aplicados, visualizar as competências criativas que poderiam ser melhor desenvolvidas. São elas: Perspectivas Incomum e Interna, referentes à forma como se visualiza e se compreende as situações-problema; e Elaboração, isto é, a capacidade de enriquecimento e aperfeiçoamento de ideias. As competências em que os estudantes da amostra apresentaram melhor desempenho foram: expressão de emoções e originalidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo de estudantes pesquisado retrata uma percepção comum entre universitários que se autoavaliam como pouco criativos. Acredita-se que essa visão está associada a barreiras emocionais e culturais. A evolução observada entre a primeira e a segunda avaliação sugere que as atividades da Oficina G1 agregaram elementos propícios à expressão da criatividade dos estudantes, especificamente na ampliação da visão de si mesmo como ser criativo.

Ressalta-se a escassez de pesquisas sobre criatividade no ensino superior, sobretudo no contexto da região Nordeste, revelando necessidade da ampliação dos estudos com essa temática. Acredita-se que o investimento em estratégias interdisciplinares que contribuam para o desenvolvimento do potencial criativo, esse universo de possibilidades, é essencial nos dias de hoje.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E. S.; ALENCAR, E. M. L. S. Criatividade no Contexto Educacional: Três Décadas de Pesquisa *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 23, n. especial, 2007, p. 45-49.
- ALENCAR, E. S. *Como desenvolver o potencial criador: um guia para liberação da criatividade em sala de aula*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BAHIA, S. Criatividade e universidade entrecruzam-se? *Sísifo. Revista de ciências da educação*, v. 7, 2008, p. 51-62.
- BAHIA, S.; NOGUEIRA, S. I. A criatividade dos estudantes universitários difere de área para área do conhecimento? *Revista Recrearte*, n. 3, 2005. Disponível em: <http://www.iacat.com/revista/recrearte/recrearte03.htm>. Acesso em: 20 de junho de 2015.
- GARDNER, H. *Cinco mentes para o futuro*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- NAKANO, T. C. Programas de treinamento em criatividade: conhecendo as práticas e resultados. *Revista da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*. São Paulo, v. 15, n. 2, 2011, p. 311-322.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2004
- WECHESLER, S. M. *Avaliação da criatividade por figuras e palavras: Testes de Torrance, Versão Brasileira*. 2 ed. São Paulo: Imprensa Digital do Brasil, 2004.
- WECHESLER, S. M. e NAKANO, T.C. (org.) *Criatividade no ensino superior: uma perspectiva internacional*. São Paulo: Vetor, 2011.